

"Grab'em, floor'em, jab'em"

Joaquim Coelho

"Grab'em, floor'em, jab'em" (tradução aproximada: agarrá-los, prostrá-los e injectá-los.)

Era mais ou menos assim o "mantra" de um hospital de saúde mental (privado) onde trabalhei, a alguns poucos quilómetros de Hastings.

Eu ainda não era qualificado para fazer restrição de movimentos a pacientes e, talvez por isso mesmo, causava-me alguma impressão **a leviandade (e, por vezes, a agressividade) com que tal procedimento era adoptado**. Depois de me ter qualificado para executar imobilizações, quis a sorte que nunca voltasse a trabalhar nesse sítio, mas a sensação que tenho é que, caso tal tivesse voltado a acontecer, teria, de certezinha, feito queixa do staff do dito hospital.

Eu explico:

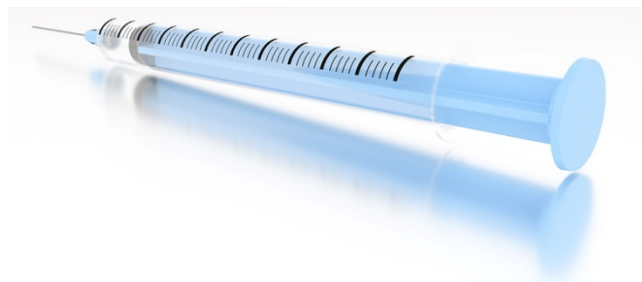
É que ali, em vez de ser **encarada com um último recurso** — a que se recorria quando todos os outros meios de dissuasão falhavam — a restrição de movimentos "de cara no chão" ("face-down restraint", na gíria profissional) era usualmente **utilizada como um castigo**. Sendo que a tal prática se recorria frequentemente, inclusive na enfermaria das mulheres com doenças mentais mais graves; lugar onde uma das enfermeiras-chefe, e recorde-a sem qualquer saudade ou simpatia, apresentava tanta empatia com as suas pacientes — **mulheres física e intelectualmente extremamente vulneráveis** — como uma "enfermeira" de um campo de concentração nazi... a grande puta. Mas adiante.

A primeira restrição de movimentos em que participei em Woodlands, logo no primeiro dia em que voltei ao trabalho, depois da semana de curso de **PMVA***, foi inesquecível. Afinal de contas, que me lembre, foi a **primeira vez que interferei intencionalmente na vida de uma pessoa**, de modo a restringir as suas liberdades individuais e sociais... nomeadamente, a sua liberdade de movimentos e de escolha.

É verdade que ele — o paciente em questão — se encontrava num **estado de grande agitação** que punha em **perigo** não só **a sua integridade física**, como também a dos que o rodeavam. Assim mesmo, deu-me que pensar.

No hospital de Woodlands, a imobilização de um paciente para o medicar implicava, normalmente, que todos os outros recursos (sejam eles **diálogo, medicação voluntária, terapia ocupacional ou o diabo a quatro**) tinham sido esgotados.

E percebe-se porquê. Basta pensar um bocadinho. Num estado de direito, as forças policiais são as únicas forças



representadas na sociedade que têm — de facto — o poder de inibir o cidadão dos seus direitos humanos. E mesmo assim, com limites.

Rectificação: no Reino Unido, as forças policiais, MAS **TAMBÉM** os profissionais de saúde mental possuidores de um diploma de PMVA.

Afinal de contas, imobilizar um paciente significa, só para começar, **interferir com a sua liberdade individual**. Da mesma maneira que o gesto de espetar uma seringa na sua pele, pode ser facilmente ligado a uma **violação da integridade física**. E que dizer de injectar um (regra geral, potente) cocktail de drogas que irão **alterar significativamente o estado de consciência** do paciente, sem que ele nada possa fazer para o impedir?

Por isso tudo, talvez, cada procedimento semelhante implica sempre também **uma montanha de papelada** que nunca mais acaba. E todos os intervenientes na imobilização (cinco, definem as boas práticas do NHS*) são entrevistados após o evento e forçados (por lei) a pôr por escrito a sua versão do acontecimento.

Para mim, no entanto, **o mais difícil de esquecer** é sempre aquele momento em que o paciente pára de se debater. Quando param os gritos e os movimentos. Quando sente que foi **fisicamente subjugado** e que não há maneira de evitar o que se vai seguir. Quando se entrega... quando desiste.

E, nesse preciso instante, tudo o que se vê e se ouve e se sente é o seu **medo**. Medo, talvez, que todos os dias que ainda restam sejam assim? Não sei.

Já digo: que bom seria sentir **resignação** uma vez que fosse. Não só o **medo** denunciado na **respiração ofegante** e tantas vezes — sobretudo no caso das mulheres — pontuado também por um **choro**, baixinho. Um choro arrastado pelo desespero e por uma vergonha inexplicável.

E aquele **olhar que foge** de se fixar e que escolhe olhar para cima e virar-se para dentro. Irremediável e definitivamente.

* Prevenção e Gestão de Violência e Agressão;

* Serviço Nacional de Saúde;